

O SISTEMA VERBAL ESPANHOL EM ESTUDO: A PROPOSTA DE ANDRÉS BELLO

Kelly Cristini Granzotto Werner¹

Resumo: Na tentativa de buscar alternativas teóricas e metodológicas para tornar o trabalho com o verbo na aula de espanhol língua estrangeira (E/LE) mais significativo, proveitoso e agradável, pretende-se, com este texto, fazer uma leitura do modelo verbal espanhol, proposto pelo gramático venezuelano Andrés Bello (1847). O seu modelo temporal apresenta coerência lógica e simplicidade, uma vez que é definido a partir do momento da enunciação. Considerar o ato da palavra é medir o tempo no momento real do discurso, da sua configuração, da sua existência. Essa postura parece deixar o estudo do verbo mais aplicado à vida do aprendiz da língua. Entende-se que o conhecimento da proposta do autor pode ser útil ao professor, no momento de explicar o funcionamento e o significado do sistema verbal da Língua Espanhola para seus alunos e, talvez, facilitar seu estudo, seu entendimento e sua aprendizagem.

Palavras-chave: Língua Espanhola. Ensino. Sistema verbal. Andrés Bello.

EL SISTEMA VERBAL ESPAÑOL EN ESTUDIO: LA PROPUESTA DE ANDRÉS BELLO

Resumen: Con el intento de buscar alternativas teóricas y metodológicas para tornar el trabajo con el verbo en la clase de español lengua extranjera (E/LE) más significativo, provechoso y agradable, pretendemos, con este texto, hacer una lectura del modelo verbal español, propuesto por el gramático venezolano Andrés Bello (1847). Su modelo temporal presenta coherencia lógica y simplicidad, una vez que es definido apartir del momento de la enunciación. Considerar el acto de la palabra es medir el tiempo en el momento real del discurso, de su configuración, de su existencia. Esa postura parece dejar el estudio del verbo más aplicado a la vida del aprendiz de la lengua. Entendimos que el conocimiento de la propuesta del autor puede ser útil al profesor, en el momento de explicar el funcionamiento y el significado del sistema verbal de la lengua española para sus alumnos y tal vez facilitar su estudio, su entendimiento y su aprendizaje.

Palabras-clave: Lengua española. Enseñanza. Sistema verbal. Andrés Bello.

1 Professora Assistente da UFSM-CAFW nas áreas de Língua Espanhola e de Língua Portuguesa.

1 INTRODUÇÃO

As experiências vividas como estudante e como professora de espanhol língua estrangeira (E/LE), no que concerne à questão verbal, têm mostrado que há certo desconforto por parte dos alunos quando o tema é tratado em sala de aula. Dificuldades apresentadas com o reconhecimento, a classificação, o significado, o uso, a forma estrutural particular dos tempos e modos verbais acabam preocupando também o professor. Segundo Hipogrosso (2004, p. 1), isso acontece porque

[...] no contamos con una descripción acabada del verbo español. Más bien reconocemos una lista de usos de muy diverso origen y muy difícil de recordar y por tanto de enseñar.

Otro aspecto que parece complicar más la situación es el hecho de que en gramática conceptos como *tiempo, modo y aspecto* no han sido del todo bien definidos y discriminados hasta muy avanzado el S. XX. Además, muchas de las definiciones que prevalecieron fueron tomadas de gramáticas griegas, latinas o eslavas y no se adaptaron o explicaron mal el funcionamiento de estos fenómenos para el español.

Muitas vezes, na tentativa de “saber” o sistema verbal espanhol, as características de cada tempo e modo existentes na língua, o aluno opta pela estratégia de aprendizagem (EA) da memorização de vastas listas de verbos. Se bastassem as formas isoladas, o estudante não enfrentaria problemas.

Essas estruturas funcionam, no entanto, em um sistema linguístico complexo, organizado e que faz sentido quando mobilizado pelos falantes em contextos diversificados e únicos. Ou seja, o verbo memorizado se ajusta a uma situação de comunicação e passa a fazer sentido. Apenas ter consciência do significado do verbo em seus tempos e modos não é suficiente para um desempenho linguístico satisfatório.

Também, torna-se essencial refletir sobre a situação de uso, o contexto. Tanto isso é verdade que existe o significado do verbo na língua, no sistema formal descontextualizado e no contexto discursivo real, podendo apresentar, portanto, significados diferentes. Ou seja, há deslocamento de sentido provocado pela enunciação. Isso acontece com a língua inteira. Em assim sucedendo, a EA de memorização pode não ajudar mais o aprendiz, conduzindo-o a erros. Mas, no caso do verbo, por que o aprendiz adota, entre as formas de aprendizagem, a memorização?

Essa não é um pergunta de resposta pronta. Talvez memorizamos quando temos “preguiça” de pensar; quando não encontramos razão ou explicação lógica para uma situação ser o que é. Em parte, o uso de uma EA ou outra também pode estar relacionado com a atitude e a metodologia do professor. Hipogrosso (1996) afirma que a prática da memorização de verbos pelos alunos pode ser herança da formação racionalista.

[...] la presentación de las formas verbales del español ha respondido muchas veces, en la tradición gramatical más frecuentada, a un despliegue que recurre a la enumeración de casos. Este enfoque ha fomentado la creencia de que ‘los verbos deben ser estudiados de memoria’ porque para su conocimiento no ‘media ni el orden ni el razonamiento’. Quizás, las grandes listas de las que se

valió el racionalismo de cómo una forma de estudiar y ampliar el vocabulario, práctica pedagógica que perduró hasta bien empezado nuestro siglo, haya contribuido a ello (HIPOGROSSO, 1996, p. 69).

No caso do E/LE, o aluno também faz quadros comparativos do sistema verbal das duas línguas, português e espanhol, e os memoriza, ajudado pela estratégia da comparação, da associação², o que não escapará dos princípios da Ilustração.

No sentido de buscar opções teóricas e metodológicas que contribuam para a compreensão do sistema verbal e sua aplicação prática na aula de E/LE, fizemos uma leitura reflexiva da proposta de Andrés Bello³, apresentada na sua *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanismos* (1847).⁴

Antes de penetrar no sistema verbal propriamente, a obra do autor, no seu sentido geral, merece algumas palavras, já que é considerada ainda hoje como uma das melhores gramáticas de Língua Espanhola. Alonso (1992, p. 12)⁵, em seu estudo crítico introdutório à gramática do autor, reconhece que

Hoy mismo, pasados más de cien años, sigue siendo esta gramática el más copioso repertorio de modos españoles de decir. Sólo se le puede equiparar

-
- 2 Não estamos condenando ou depreciando a possibilidade de contraste entre as duas línguas. Pelo contrário, no contexto de aprendizagem de espanhol por brasileiros, essa prática torna-se necessária devido ao grau de semelhança existente entre as duas línguas e à proximidade de ocorrência de ambas. Conforme Silva (2005), temos que contar com uma “estratégia contrastiva” que possibilite a construção de uma aprendizagem mais significativa e a reflexão sobre a língua nativa e a língua-alvo. A preocupação é com o uso de listas, esquemas comparativos, entre outros recursos que motivam apenas a memorização ou as ponderações superficiais sobre as línguas em questão. A nosso ver, o exercício da memorização, apesar de ser uma estratégia de aprendizagem, afasta-se da aprendizagem reflexiva e efetiva. Além disso, a popular “decoreba” também tem seu ônus, o esquecimento.
 - 3 Don Andrés Bello nasceu em Caracas, Venezuela, em 1871, e faleceu no Chile, em 1865. Foi reconhecidamente um polígrafo e uma figura representativa para a civilização hispano-americana que buscava a liberdade em relação à metrópole. Atuou como humanista, poeta, filólogo, gramático, filósofo, educador, legislador e tradutor. Graduou-se em Artes (1800), porém estudou também Direito e Medicina. Em 1851, foi designado membro da Real Academia Española. Sua vida foi recheada de trabalhos variados, mas, no contexto de ensino de E/LE, no Brasil, talvez, seja mais conhecida a sua atuação na literatura do que na linguística.
 - 4 Em abril de 1847, apareceu, em Santiago de Chile, a primeira edição da *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos*, publicada na *Imprenta de El Progreso, Plaza de la Independencia*, nº 9. No entanto, neste trabalho, faremos uso da edição de que dispomos, a de 1984.
 - 5 Neste artigo, fizemos uso da versão digital do estudo crítico de Alonso sobre a gramática de Bello, mas versões impressas do texto também podem ser consultadas. Por exemplo, ALONSO, A. Estudio Preliminar. In: BELLO, Andrés. **Gramática de la lengua castellana destinado al uso de los americanos**. V. 1. Madrid: Arco/libros, 1988. (1847). Ou em ALONSO, A. **Introducción a los estudios gramaticales de Andrés Bello**. La Habana: Casa de las Américas, 1989.

en esto la Gramática de las Academia, que, con cautela pero incesantemente, ha ido acumulando en sus ediciones sucesivas especialmente los materiales (y algunas ideas) de Salvá y de Bello.⁶

Além disso, o crítico (1992) afirma que a gramática de Bello se destaca no tratamento dado ao verbo, “por su amplitud y por su elaboración sistemática, lo más sobresaliente en este respecto es su interpretación de los valores de los tiempos verbales, que quedará ya para siempre en la historia de la gramática como una construcción magnífica [...]” (ALONSO, 1992, p. 12).

É, portanto, no séc. XIX que o venezuelano postula um modelo verbal diferenciado, assim como é a gramática que escreveu. Seu objetivo, conforme declara no título, era fazer uma gramática de uso do espanhol americano, e essa ideia perpassa também a categoria verbal. Para isso, apoiou-se em princípios da gramática de Port-Royal, o que se explica por sua formação racionalista, juntamente com

[...] la significación exclusivamente fechadora de los tiempos; la existencia objetiva del tiempo como duración lineal; el punto-instante del ahora que divide el tiempo pasado y futuro; Lo demás lo hizo su poderosa mente sistematizadora: eliminando los arrastres de la tradición no justificados [...] dentro del principio nuevo (puntos quinto y sexto), limpiándolo también de las ‘metafísicas’ con que algunos continuadores de Port-Royal lo habían emborronado, y apurando los principios seguidos hasta sus últimas consecuencias (ALONSO, 1992, p. 14).

A tradição gramatical de Port-Royal⁷ se mantém na França, na época de Bello. Em vista disso, refletem-se, na sua obra, princípios do racionalismo linguístico francês, de modo que lhe parecem tão fundamentais e óbvios. Para ilustrar, Alonso (1992, p. 3-14), aponta seis problemas herdados dos racionalistas franceses:

1. Los tiempos verbales significan fechaciones en la línea del tiempo.
2. El tiempo es una realidad objetiva que consiste en un punto-instante incesantemente transitorio, cuya carrera forma la línea del tiempo. El tiempo es una duración homogénea.
3. El presente es puntual. Ese punto móvil constituye el presente; lo anterior, el pasado; lo que tiene por delante en su carrera, el futuro. Por licencia de nuestra imaginación (enseñan algunos como Beauzée y Condillac), nuestra idea del presente se extiende desde ese punto-instante hacia adelante y hacia atrás, y pensamos en vez de un punto una época.
4. Se puede fechar un suceso con relación al presente o con relación a otro suceso ya fechado. Los primeros se llaman tiempos absolutos (Pretérito, Presente, Futuro); los segundos, relativos (Pretérito anterior, Pretérito simultáneo, Futuro anterior, etc.). Ésta fue la máxima innovación gramatical de Port-Royal, y en nuestro estudio la [...] nombramos muchas veces como *principio de Port-Royal*. Desde entonces y hasta hoy mismo, ha sido obligatorio

6 Não descuidemos que, embora Alonso (1992) afirme ser uma das gramáticas que melhor descreve os “modos españoles”, ou seja, os usos, Bello (1984) ressalta que o público para quem escreve a gramática são os seus irmãos hispano-americanos.

7 Para mais detalhes sobre o sistema verbal de Port-Royal, consultar Arnauld & Lancelot (1660).

en todas las gramáticas francesas y aun en la lingüística, y es la base del sistema de Bello.

5. Estos principios nuevos suelen aparecer combinados con las antiguas nociones latinas de pretéritos y futuros *próximos* y *lejanos*, que ordenaban los tiempos verbales homogéneamente en una línea continua de tiempo, a distancias progresivas contando siempre desde el instante de la palabra. Un caso curioso de compromiso entre innovación y tradición, sin advertir la incompatibilidad de los principios. El primer gramático importante (que yo sepa) que se atiene con rigor al principio de los tiempos absolutos y relativos, con exclusión del de próximos y lejanos, es Andrés Bello.

6. También siguieron las gramáticas acogiendo (y lo siguen) de la tradición gramatical anterior a Port-Royal las clasificaciones de *definido* e *indefinido*, con frecuencia contradictorias, vagas siempre y nunca justificadas; por lo tanto no sólo inútiles, sino estorbosas. Bello rechazó también esta clasificación.

Bello (1984) adotou o princípio fundamental de Port-Royal e tentou configurar os tempos da conjugação espanhola, sob esse critério, resultando no modelo que conhecemos hoje. Para entender essa proposta, duas noções nos aparecem importantes – a de sistema e a de enunciação.

Devido à época em que nos encontramos, reconhecemos, na descrição do verbo espanhol, a ideia de sistema⁸, institucionalizada *a posteriori*, no séc. XX, por Saussure (1975), com o paradigma teórico estruturalista. Hipogrosso (2004, p. 3) defende que “Andrés Bello, aunque mucho antes de Saussure, manifiesta el mismo enfoque, y este se explicita con toda su fuerza en su estudio del sistema verbal español”. Nessa perspectiva, o sistema verbal mostra-se como a língua – um todo organizado, estruturado em que seus elementos são dependentes entre si, só adquirindo valor e identidade na relação que mantêm uns com os outros. É nesse sentido que pode ser útil, para a compreensão do mesmo, a noção de sistema defendida pelo pai da linguística moderna (SAUSSURE, 1975).

Além disso, o fator exterior⁹ também é notável na teoria do sistema verbal de Bello (1984), já que toma como critério o *acto de la palabra* (AP)¹⁰, ou seja, o momento da enunciação (legitimado pelo falante), que tem, no tempo presente, o norteador dos outros tempos.

8 Entendemos a ideia de sistema conforme Saussure (1975), no paradigma estruturalista, ainda que este tenha vivido e teorizado bem depois de Bello. Hipogrosso o considera um antecipador de uma nova maneira de estudar e ver a língua e a cultura. “Sin embargo, ya em el siglo XIX, um filósofo, poeta y gramático venezolano postulaba una descripción que anticipaba, aun sin saberlo, un nuevo modo de entender no solo la lengua, sino muchos otros fenómenos de nuestra cultura. Su descripción de los verbos en español estaba traspasada por la noción de *sistema*” (HIPOGROSSO, 2004, p. 2).

9 Conhecendo as teorias da enunciação que temos, hoje, na Linguística Moderna, não é difícil associar a elas, particularmente a de Benveniste (1965), as ideias de tempo e ato da palavra, tomadas como parâmetro por Bello, na definição de modo verbal espanhol.

10 Concebemos a expressão ato da palavra, usada por Bello (1984), como o momento da enunciação, conforme entende Benveniste (1970), que se define por meio das coordenadas do eu-aqui-agora.

Em síntese, o objetivo deste trabalho é resgatar um modelo de temporalidade verbal que possibilite ao estudante relacionar logicamente o nome do verbo com o que significa a partir do momento em que é posto em uso. Isso é, refletiremos sobre o modelo verbal de Bello, considerando sua relevância para o ensino, analisando a sua gramática e tomando como base comparativa o modelo tradicional da *Real Academia Española* (RAE).

2 O MODO VERBAL PARA BELLO

Bello (1984) entende o modo verbal de maneira diferenciada da postura tradicional¹¹. A gramática tradicional define o modo verbal por um critério semântico, e isso significa que ela faz distinção entre *dictum*, o dito pelo falante, o conteúdo proposicional, o significado que tem, independente da situação de ocorrência, e *modus*, como o falante diz, ou seja, a forma enunciativa. Isso determina o aparecimento dos três modos que a gramática tradicional reconhece, o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. A RAE, no *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española* (1996), entende por modos verbais,

Cuando enunciamos una acción verbal, podemos pensarla como ajustada a la realidad objetiva, o bien como un simple acto anímico nuestro al cual no atribuimos existencia fuera de nuestro pensamiento. Si decimos *La puerta está cerrada, Sabía que habían llegado, No asistiré mañana a las juntas*, afirmamos o negamos hechos pensando que se producen, se produjeron o se producirán en la realidad; empleamos al enunciarlos el modo indicativo. Si decimos *Temo que la puerta esté cerrada, No sabía que hubiesen llegado, Es posible que no asista mañana a la junta*, al estar cerrada la puerta es un temor mío, pero no lo enuncio como un hecho real; el haber llegado ellos es cosa que yo no conocía, no tenía realidad para mí; el no asistir mañana a la junta está pensado como una mera posibilidad, a la cual no atribuyo efectividad; todos estos hechos van expresados en modo subjuntivo. En varias ocasiones hemos distinguido el contenido de lo que se dice (*dictum*) de cómo lo presentamos en relación con nuestra actitud psíquica (*modus*). Entre los medios gramaticales que denotan la actitud del hablante respecto a lo que se dice, se encuentran las formas de la conjugación por antonomasia con el nombre tradicional de *modos* (RAE, 1996, p. 454).

Essa definição do modo verbal não consegue explicar fenômenos usuais como a negação, já que depende da interpretação total do enunciado e não apenas da forma verbal¹². É por essa razão que o termo “modo” está reservado para um dos significados gramaticais que caracterizam o verbo, fato que tem motivado vários gramáticos a fazer a descrição do modo verbal de diferentes maneiras (HIPOGROSSO, 2004). Bello integra essa gama de estudiosos.

11 No caso, entendemos como gramática tradicional a *Real Academia Española*, em específico, a obra *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española* (1973).

12 A esses fenômenos, como a negação, os quais a visão tradicional de modo não contempla, os estudos linguísticos têm chamado de modalidade (HIPOGROSSO, 2004).

Na sua *Gramática de la lengua castellana* (1984), o autor expõe o seu entendimento de modo, definindo-o por um critério sintático, através da noção de regência. Afirmar que o verbo pode estar influenciado pelo significado de uma palavra ou frase que o subordine, pela pessoa e número do sujeito e pelo tempo do atributo (predicado). “Llámanse MODOS las inflexiones del verbo em cuanto provienen de la influencia o régimen de una palabra o frase a que esté o pueda estar subordinado” (BELLO, 1984, p. 158).

O modo, nesse sentido, é determinado pelo “término rector o matrices rectoras” (termo subordinante). O que definirá a aparição do modo indicativo e do modo subjuntivo é um lexema (“término rector”) que suponha certeza ou não certeza, isto é, o significado léxico do regente determina o regido. Como podemos perceber, para o gramático (1984), o conceito de modo verbal está relacionado ao aspecto funcionalista, sintático, distinto do que propõe a perspectiva tradicional. Conforme reitera Bello, “siendo el régimen lo que verdaderamente distingue los Modos, sólo por él podemos clasificarlos y definirlos” (BELLO, 1984, p. 160).

Admite apenas dois modos verbais: o indicativo e o subjuntivo. O imperativo, conhecido como um modo na gramática tradicional, é entendido pelo autor como parte do subjuntivo, integrando o subjuntivo comum¹³.

Na visão tradicional, o modo indicativo representa a realidade habitual de se expressar em todos os idiomas. Para Bello (1984), as formas indicativas dizem respeito àquelas que são ou podem ser subordinadas pelos verbos saber e afirmar, não precedidos de negação porque esta pode variar o regime subordinante, mudando o modo verbal. O modo indicativo é o modo da asserção, da certeza e representaria a realidade. Para exemplificar, *Sé que compras libros. Sé que compraste libros; sé que has comprado libros; sé que comprarías libros; Supe que comprarías*¹⁴ *libros* (saber – verbo afirmativo (presente) que determina o aparecimento do verbo regido (comprar) no modo indicativo).

O modo subjuntivo ou formas subjuntivas, na terminologia de Bello (1984), é aquele que é ou pode ser regido por verbos dubitativos, palavras ou frases que expressam desejo, mandato, rogo, conselho, permissão. Esse modo tem o conteúdo léxico de não asserção, de incerteza. Por exemplo, *Dudo que salga* (Dudar – verbo de dúvida) e *No estoy seguro de que salga* (a expressão indica não certeza, não asserção).

13 Bello (1984) apresenta três variantes do modo subjuntivo: o comum, o hipotético e o optativo.

14 A forma verbal terminada em –ría, chamada de Condicional pela RAE, integrava, desde a primeira gramática de língua castelhana, a de Nebrija (1492), até Bello, o modo subjuntivo. Na gramática do venezuelano, fiel à sua teoria, esse tempo passa a ser um tempo do indicativo. Depois das postulações de Bello (1984), especificamente, no ano de 1917, a RAE faz dessa forma temporal um modo novo, o “potencial” (HIPOGROSSO, 2004).

3 O TEMPO VERBAL PARA ANDRÉS BELLO

A noção de tempo na Língua Espanhola é fundamental já que os significados temporais são organizadores de todo o sistema verbal da língua, o que não sucede nas línguas eslavas¹⁵, por exemplo (HIPOGROSSO, 2004).

Para compreender a proposta de Bello (1984), será necessário mostrar a sua definição de temporalidade. Ele entende por tempo o que caracteriza o momento do dizer, a noção de tempo que, mais tarde e até hoje, conhecemos pela expressão momento da enunciação, o *bic-et-nunc*, nas correntes enunciativas de estudo da linguagem. Remetemos, especificamente, à ideia de tempo linguístico, definido na teoria da enunciação de Émile Benveniste.

No estudo *A linguagem e a experiência humana* (1965)¹⁶, Benveniste faz três distinções de tempo e defende o tempo linguístico como sendo o tempo real da locução. Existe o tempo físico que é uniforme, infinito, linear e pode ser sedimentado livremente, ou seja, o homem pode medi-lo de acordo com a sua vida. Considera o tempo crônico como o tempo dos acontecimentos, que é, por necessidade da vida em sociedade, convencionalmente, socializado nos calendários e denominado costumeiramente “tempo” pelo homem. Por último, o tempo linguístico. Para o autor, “o que o tempo linguístico tem de singular é o fato de estar obrigatoriamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso” (BENVENISTE, 1995, p. 74). Assim, o tempo linguístico é o tempo da enunciação e, por assim ser, renova-se a cada ato de fala, a cada locução.

Outra observação importante, consequência do que entende por tempo, é que Bello (1984) toma, como eixo do tempo, o presente. Isso também é considerado pelas teorias da enunciação¹⁷;

O presente linguístico é o fundamento das oposições temporais da língua. Este presente que se desloca com a progressão do discurso, permanecendo presente, constitui a linha de separação entre dois outros momentos engendrados por ele e que são igualmente inerentes ao exercício da fala: momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo do discurso, deixa de ser presente e deve ser evocado pela memória, e o momento em que o acontecimento não é ainda presente, virá a sê-lo e se manifesta em prospecção (BENVENISTE, 1965, p. 75).

Ou seja, é pelo presente, momento do dizer, que se estabelecem e se medem os demais tempos: passado e futuro; se não existisse o presente, não existiria o passado e o futuro. De acordo com Pedretti et al. (1996, p. 75), “si el presente tiene un estatus fundacional en cada acto discursivo, los demás tiempos lingüísticos son de estatus inferior: deben su existencia a su relación con el presente y gracias a él”.

15 Essa questão foi estudada por Eugenio Coseriu (1978) em seu trabalho sobre o aspecto verbal na Língua Espanhola.

16 Preservamos as datas originais de publicação dos estudos de Benveniste.

17 Recordemos que Bello nasceu em 1781 e faleceu em 1865 e que Benveniste nasceu em 1902 e morreu em 1976.

Para entender o significado que os tempos verbais adquirem na proposta de Bello (1984), é necessário conhecer o critério usado por ele. Primeiramente, estabelece diferenças entre as formas verbais simples e as compostas.

El verbo castellano tiene formas simples y compuestas, significativas del tiempo. Las simples son meras inflexiones del verbo. Como *Leo, lea, leyerá*. Las compuestas son frases en que está construido el participio sustantivado del verbo con cada una de las normas simples de *haber*, como *he leído, habías leído, hubieras leído*; el infinitivo del verbo con cada una de las formas simple de *haber*, mediando entre elementos de preposición *de*, como *he de leer, habías de leer, hubieran de leer*; o el gerundio del verbo con cada una de las formas simples de *estar*, v. g. *estoy leyendo, estaría leyendo, estuviésemos leyendo*. Haber y estar se llaman por el uso que se hace de ellos en estas frases, verbos *auxiliares* (BELLO, 1984, p. 199).

Outro ponto diz respeito à nomenclatura dada às formas verbais, que difere da gramática tradicional¹⁸. Para nomear as formas verbais, o autor (1984) toma como eixo o AP, ou seja, o momento da enunciação. Se os verbos se relacionam diretamente com o AP, estabelecendo uma relação simples com ele, ou seja, uma relação apenas, Bello (1984) simplesmente os nomeia presente (coexiste com o AP), pretérito (anterior ao AP) e futuro (posterior ao AP). Se o verbo, para relacionar-se com ao AP, se relaciona primeiro com outro verbo, há uma relação dupla. Quando isso ocorre, Bello (1984) antepõe à forma um prefixo que mostra qual é o sentido da relação; se indicar anterioridade, usa *ante-*, se indicar coexistência, elege *co-* para indicar posterioridade, usa *pos-*; se o verbo se relaciona com dois verbos e logo com o AP, existe uma relação tripla e a nomenclatura é igual que na relação dupla em que se acrescentam dois prefixos ao tempo verbal, porque há três relações.

Na visão da RAE, assim como para Bello (1984), os tempos verbais que integram o modo indicativo são dez. No entanto, a nomenclatura difere para ambos, conforme o quadro abaixo.

18 Apesar de ser diferente, a gramática tradicional reconhece a nomenclatura e, inclusive, coloca-a entre parênteses quando trata, no *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española* (1973), do verbo. Assim, admite relevante o proposto pelo gramático venezuelano.

Quadro 1 - Nomenclatura verbal de Andrés Bello e nomenclatura tradicional da RAE

Nomenclatura da gramática tradicional	Nomenclatura de Andrés Bello
Presente	Presente
Pretérito perfecto compuesto	Antepresente
Pretérito imperfecto	Copretérito
Pretérito pluscuamperfecto	Antecopretérito
Pretérito perfecto simple o indefinido	Pretérito
Pretérito anterior	Antepretérito
Futuro	Futuro
Futuro perfecto	Antefuturo
Condicional	Pospretérito
Condicional perfecto o compuesto	Antepospretérito

No referente à significação, para Bello (1984), a forma verbal pode ter um significado fundamental, ou seja, seu conteúdo temporal é aquele que sua conjugação indica. Em outras situações, também pode ter um significado secundário ou metafórico. Esses dois valores derivam do significado fundamental. Para exemplificar, mostraremos sintetizadamente os significados das formas verbais indicativas.

3.1 Formas de relação simples e seu significado fundamental

Bello (1984) reconhece três formas verbais: presente, pretérito e futuro, que têm relação simples com o AP e o significado fundamental (GRÁFICO 1).

O presente (*canto*), em seu valor fundamental, significa a coexistência do predicado com o AP, isto é, os atos (enunciar – cantar) coexistem em algum momento. A forma é a que se usa para expressar verdades eternas ou ações de duração não definida. Por exemplo, *Siento frío* (PEDRETTI *et al.*, 1996, p. 78). Isso significa que, em algum momento do ato do meu dizer, tenho a sensação de frio. Ou seja, coexistem. É um equívoco pensar que as duas situações – a de dizer e a de sentir – coincidem porque pode ser que o locutor, antes de enunciar, já sentia frio e depois pode seguir sentindo.

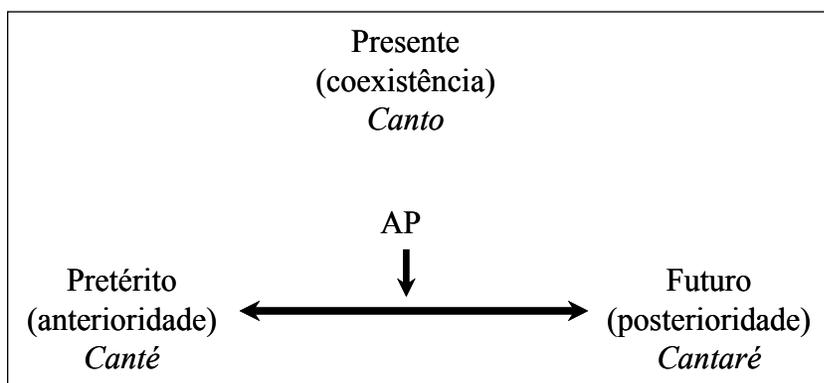
O pretérito (*canté*) significa a perfeição do atributo, ocorrida em um momento anterior ao da enunciação. Quando explica o pretérito, Bello (1984) recorre à

combinação do significado temporal com o significado léxico do verbo. Então, classifica em *desinente*¹⁹ e *permanente*²⁰. Para o autor (1984, p. 200),

El pretérito de los verbos desinentes significan siempre la anterioridad de toda la duración del atributo de la palabra, como se ve por estos ejemplos: ‘Se edificó una casa’; ‘La nave fondeó a las tres de la tarde’. Mas en los verbos permanentes sucede las veces que el pretérito denota al anterioridad de aquel solo instante en que el atributo ha llegado a su perfección: ‘Dijo Dios: Sea la luz y la luz fue’, fue vale lo mismo principió a tener una existencia perfecta.

A forma verbal no futuro (*cantaré*) significa a posterioridade do predicado ao ato de dizer, o que acontece em uma situação como *Mañana saliré de casa*.

Gráfico 1 – Tempos verbais de relação simples com o AP



3.2 Formas de relação dupla e seu significado fundamental

As formas que têm relação dupla com o AP são cinco (GRÁFICO 2).

Dentro do passado, podem ocorrer ações anteriores, antepretérito (*hube cantado*), coexistentes, copretérito (*cantaba*) ou posteriores, pospretérito (*cantaria*), a um momento no pretérito. No futuro, podemos encontrar uma forma com relação ao AP, por meio do futuro. Se uma ação é anterior a um momento posterior à enunciação e coexistente com um momento que coincide com o AP, é chamado de antepresente (*he cantado*) e coexistente com um momento que coincide com o AP. Essas formas têm uma relação dupla porque se relacionam com AP, por meio de outro tempo verbal. Isto é, tanto as formas duplas quanto as triplas mantêm uma relação indireta com o AP.

A forma antepresente (*he cantado*) revela, de alguma maneira, um paradoxo porque, ao empregá-la, expressamos uma ação já ocorrida no momento do AP,

19 Por verbo desinente, Bello (1984) entende aquele que, ao chegar à sua perfeição, expira. Como exemplo, temos os verbos nascer, chegar, morrer.

20 Por verbo permanente, o gramático (1984) entende aquele que, ao chegar à sua perfeição, segue existindo, e no tempo linear sua duração pode ser longa e até indefinível. É o caso de verbos como ser, amar.

mas que não por isso está no passado. Assim, coexiste com o AP ainda que não coincida com ele. Bello (1984) explica o antepresente pelo fato de que é uma forma composta, e o verbo auxiliar *haber* está conjugado no presente. Por isso, ostenta alguma relação com esse tempo, a coexistência. O particípio, por sua vez, tem valor de passado, o que marca anterioridade.

O antefuturo (*habré cantado*) significa a anterioridade do atributo a respeito a um evento que é futuro ao AP. Considerando o exemplo: *Llegaré tarde y mi colectivo ya se habrá ido*, *Llegaré* denota para o falante um fato futuro ao momento em que é enunciado esse discurso. A ação de *se habría ido* é anterior a esse futuro.

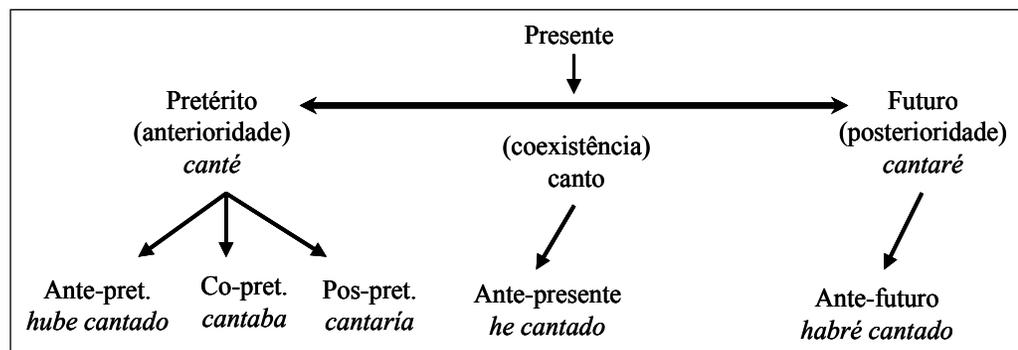
O antepospretérito (*hube cantado*) significa que o atributo ocorre imediatamente anterior ao pretérito que, por sua vez, é anterior ao momento da locução.

O valor fundamental do copretérito é o de coexistência com uma forma anterior (pretérito) ao AP. Às vezes, o copretérito tem um valor durativo que permite expressar verdades eternas, conforme o exemplo de Bello (1984, p. 201): “*Copérnico probó que la tierra giraba alrededor del sol*”. Isso quer dizer que a terra girava no momento em que Copérnio provou tal fato, mas a ação de *giraba* se prolonga do presente até o futuro, permitindo afirmar que a terra girava e segue girando ao redor do sol. Além disso, o copretérito pode significar repetição de ações ou de hábitos no passado. Por exemplo: *Todas las mañanas caminaba*. A função principal do copretérito está mesmo nas narrações.

O pospretérito significa que o tributo é posterior a um evento anterior ao AP. O intervalo de tempo entre o pretérito e o pospretérito não está definido e pode chegar até o momento da fala ou pode transcorrer depois dele. Retomemos os exemplos propostos por Pedretti *et al.* (1996, p. 83); “*Los profetas anunciaron que en el I a.C el Salvador del mundo nacería de una virgen*”. Nesse caso, a perfeição do pospretérito é anterior ao AP e encontrou seu final no passado, precisamente “*em el I a. C*”. A frase contém o AP. A perfeição do pospretérito coexiste, está durante o AP, e a forma adverbial *hoy* demonstra esse sentido.

Na afirmação “*Os profetas anunciaron que em el próximo milenio el Salvador del mundo nacería de una virgen*”, há a duração do pospretérito depois do AP, e não podemos definir quando expirará.

Gráfico 2 – Tempos verbais com relação dupla com o AP



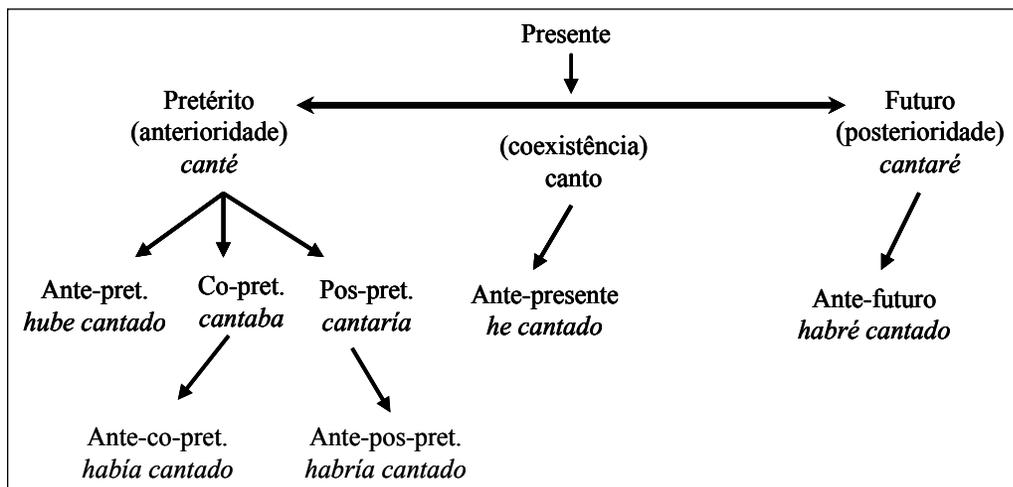
3.3 Formas de relação tripla e seu significado fundamental

As formas de relação tripla com o AP são duas em espanhol, o antecopretérito e o antepospretérito (BELLO, 1984).

O antecopretérito (*había cantado*) representa ações anteriores e coexistentes com o copretérito, mas que, por sua vez, têm relação com o AP, por meio do pretérito. Segundo Bello (1984, p. 204), “significa que ele atributo es anterior a outra cosa que tiene relación de anterioridad respecto del momento em que se habla, pero mediando entre las dos cosas um intervalo de tiempo indefinido”. Por exemplo, *luego que había comido se cepilló los dientes*. Nesse caso, a ação de *comer* é anterior a de *cepillarse*, que é um pretérito. O intervalo de tempo entre *había comido* e *cepilló* não está determinado.

O antepospretérito (*habría cantado*) revela que a forma é anterior a um pospretérito, que se situa na posterioridade do pretérito. Assim como o antecopretérito, não conseguimos precisar quanto antes do pospretérito estará a perfeição do antepospretérito e tampouco em que medida é posterior ao pretérito.

Gráfico 3 – Tempos verbais com relação tripla com o AP



3.4 O significado secundário dos tempos do indicativo

O significado dos tempos secundários do indicativo é uma consequência de determinada regência sintática (BELLO, 1984).

O significado secundário se encontra, no contexto hipotético, condicionado pela conjunção condicional *si*. Desse modo, verbos portadores do morfema de coexistência – presente, copretérito e antecopretérito, antecopresente – emprestam suas formas ao subjuntivo hipotético, quando precedidas de *si*. Por isso, além do significado fundamental, admitem outros. No valor secundário, o presente passa a significar futuro e o copretérito passa a significar posterioridade (co-à pos-).

Outros verbos que admitem significado secundário são os de percepção, crença ou asserção. É o caso das formas verbais conjugadas que têm o morfema de

coexistência, cuja referência passa a ser o momento do acontecimento do objeto de percepção. Na frase *Cuando percibas que mi pluma se envejece* (BELLO, 1984, p. 211), *se envejece* é uma forma de presente, que não tem valor de presente em relação ao AP do locutor, mas sim da ação de *percibir* que, na mente do enunciador, significa futuro. Assim, é uma forma coexistente (presente) que tem valor de posterioridade (futuro) referente ao momento da enunciação.

3.5 O significado metafórico dos tempos do indicativo

O significado metafórico existe por uma opção do falante. Há uma significação corrida temporalmente, porém não está obrigada por nenhum contexto sintático. Bello (1984) considera que um verbo aporta significado metafórico quando expressa outro tempo, diferente daquele em que está empregado. A coexistência pode ser expressa metaforicamente pela anterioridade e pela posterioridade.

A anterioridade é substituída pela coexistência (ante- passa a co-). Ao fazer tal escolha, o enunciador expressa, com mais vivacidade, as lembranças, dando mais animação às narrações. Em *Pedro Álvares Cabral descubre Brasil em 1500*, a forma *descubre*, no presente, torna mais viva a ideia do descobrimento na medida em que toca a memória social, o que não ocorreria se fosse usado o verbo no passado. Do mesmo modo, o pospretérito transportar-se-á ao futuro, o copretérito e o pretérito, o antecopretérito e o antepretérito ao antepresente e o antepospretérito ao antefuturo.

A posterioridade é substituída pela coexistência (pos- passa a co-). Quando o falante prefere essa forma, dá mais vivacidade a fatos futuros, no sentido de que os aproxima mais do presente do interlocutor; também expressa certeza a respeito do estado de coisas referido. Nas situações expressas, essas possibilidades de sentido podem ser visualizadas a seguir.

Jueves próximo viajo a Brasil.



Sin olvidarme, voy a llamarte.



Resumindo, o presente pode ter significado de futuro e o pospretérito pode se transformar em copretérito, dependendo da intenção do usuário da língua.

A relação de posterioridade se emprega metaforicamente para significar consequência lógica, probabilidade, conjetura ou surpresa.

O futuro pode ser empregado por uma das formas de coexistência para agregar-lhe um matiz de conjectura. É o que ocorre, por exemplo, em *Serán las cuatro*. O falante presume que hora é, não tem certeza, expressando possibilidade no presente. A forma *serán* coincide com o momento do dizer e perde seu significado temporal de futuro, tornando-se metafórica. O efeito metafórico é produzido também quando empregamos o pospretérito no lugar do pretérito ou do copretérito, o antefuturo pelo antepresente, o antepospretérito pelo antecopretérito.

Há outro caso de significado metafórico. É o que Bello (1984) denomina anterioridade metafórica ou negação implícita. Dizer algo no pretérito supõe negar o presente. Por exemplo, ao declarar *Tè quise*, imediatamente, pensa-se em *No te quiero más*. Há negação implícita na forma pretérita e o morfema de pretérito equivale ou supõe “não”.

Ocorrem mais casos de anterioridade metafórica, por exemplo, quando existe a ideia de quase asserção a respeito de um fato. É a situação de *Vendría mi papá para la fiesta de domingo*, temos certeza sobre a vinda dele. Há, nessa forma verbal, o morfema de futuro VENDR-, que significa posterioridade, o morfema Í- significando presente e o morfema -A, com valor de pretérito. Recordemos que o morfema de pretérito supõe o valor de não possível. Por isso, essa forma verbal distancia, descompromete o falante com seu dizer.

Ainda, quando um locutor quer ser cortês ou modesto com alguém, enuncia um verbo com valor metafórico. Por exemplo, *Yo venía buscar el libro*. Esse uso é muito frequente no cotidiano das pessoas. Percebemos que, além da intenção de agir com delicadeza frente ao alocutário, o locutor de enunciados como o anterior não emite uma asserção plena e também consegue ausência de compromisso com o fato.

Em síntese, a anterioridade metafórica serve para afastar o falante do momento da enunciação (AP), e isso evita seu comprometimento com a ação, o que encontra eco no morfema de pretérito existente no verbo.

4 CONCLUSÃO

É possível reconhecer uma base enunciativa na proposta de Bello (1984) sobre o sistema verbal espanhol, nos aspectos de reconhecimento, de classificação dos significados e da própria nomenclatura dada. Isso se comprova quando toma como ponto de referência o tempo no momento em que as ações se realizam. Tempos e modos passam a existir dentro da língua a partir do tempo presente, sendo, portanto, parâmetro para os demais, conforme defendeu Benveniste (1965), anos mais tarde, no seu estudo sobre os tempos existentes na vida social. Além disso, o modelo proposto apresenta-se como um sistema organizado e relacionado. Também parece dar conta de usos variados do verbo na Língua Espanhola, inclusive daqueles que existem por opção do falante, fato que atesta, mais uma vez, o objetivo geral da obra do autor.

Com relação à nomenclatura, distinta da adotada pela RAE, Bello (1984, p. 202) comenta, atribuindo a ela duas vantagens,

En primer lugar, las palabras de que se compone el tiempo del verbo indican el nombre que debe dársele: en *habría cantado*, por ejemplo, el participio denota que el nombre del tiempo debe principiarse por la partícula *ante*, y siendo el tiempo del auxiliar un *pospretérito*, debemos añadir a dicha partícula estos dos elementos: *habría cantado* será pues un *antecopretérito*. Y en segundo lugar, cada denominación así formada es una breve fórmula, que, como veremos, determina con toda exactitud el significado de la forma compuesta.

Apesar de ser diferente, a RAE también reconoce a validade da nomenclatura verbal do autor, colocando-a na gramática, entre parênteses.

Alonso (1992, p. 15), crítico da gramática, também dá destaque a essa nova terminologia porque

[...] es uno de los hallazgos valiosos en el sistema de Bello, porque declara a la vez que ordena y limita los valores de cada tiempo. La doctrina consiste en asumir que los tiempos verbales fechan la acción del verbo en la línea infinita del tiempo, en relación no sólo con dos, sino con tres puntos de referencia conjugados entre sí.

Há, porém, quem dê mérito a outros aspectos da obra, além da terminologia dos verbos. Hipogrosso (2004, p. 2), por exemplo, sustenta que “la teoría de Andrés Bello que tiene dos virtudes: destaca el carácter sistémico del verbo español y prioriza el aspecto temporal sobre el aspectual”.

Bello (1984), por sua vez, vai além, no empreendimento de valorizar seu livro. Ele comenta e justifica, por meio de nota, a interpretação que fez do sistema verbal da Língua Espanhola,

Mi explicación de los tiempos ha parecido a varias personas una innovación caprichosa de la nomenclatura recibida. Si así fuera, merecería justísimamente la censura de insignificante. Pero no es así. Yo me propuse que la denominación de cada tiempo indicase su significación de una manera clara y precisa. Las formas verbales, o expresan una relación simple de coexistencia, anterioridad o posterioridad, respecto al acto de la palabra, esto es, respecto del momento en que se profiere el verbo, o expresan combinaciones de dos o más de las mismas relaciones; y el nombre que doy a cada forma denota esta misma simplicidad o composición. Cuando la relación es una, la expreso con las palabras *presente*, *pretérito* y *futuro*. Si la relación es doble, antepongo a estas mismas palabras una de las partículas *co*, *ante*, *pos*, que significan respectivamente *coexistencia*, *anterioridad*, *posterioridad*. Así la denominación *co-pretérito* significa coexistencia con una época que se mira en tiempo pasado, y *ante-futuro* denota anterioridad a una época que se mira en tiempo futuro. [...] cada denominación es una fórmula precisa en que se indica el número, la especie y el orden de las relaciones elementales significadas por la inflexión verbal; y la nomenclatura toda forma un completo sistema analítico que pone a la vista todo el artificio de la conjugación castellana. [...] lo que a primera vista era caprichoso y complicado, aparece entonces regular y analógico, y presenta la unidad en la variedad, que es el carácter inequívoco de un verdadero sistema (BELLO, 1984, p. 226-227).

Conforme as explicações do autor, a lógica que existe entre a nomenclatura dada e o sentido da forma é possível de ser encontrada. Essa característica facilita

também o entendimento do significado dos verbos, pois reafirma as relações que se estabelecem entre eles, nos contextos reais de funcionamento na linguagem.

Em um primeiro momento, pode parecer difícil entender esse outro modelo porque estamos acostumados à visão tradicional do verbo, já que é por essa vertente que se iniciam os estudos sobre ele, no contexto de E/LE e, possivelmente, mesmo na situação do ensino da Língua Espanhola a nativos.

Analisando a proposta, não podemos ignorar a coerência lógica e a simplicidade do modelo temporal de Bello, características que podem advir do critério usado na definição dos tempos e modos, o AP, a enunciação. Considerar o AP é medir o tempo no momento real do discurso, da sua configuração, da sua existência. Essa postura parece deixar o estudo do verbo mais aplicado à vida do aprendiz da língua.

Assim sendo, ao estudar o modelo verbal de Bello, não estamos negando a visão tradicional da gramática da RAE ou qualquer outra perspectiva. O que defendemos é que a proposta do autor pode ser útil ao professor, no momento de explicar o funcionamento e o significado dos verbos para seus alunos; pode ser uma outra possibilidade de tornar as aulas sobre o tema mais agradáveis e proveitosas. Enfim, talvez, facilite o estudo, o entendimento, o ensino e a aprendizagem do sistema verbal da Língua Espanhola.

REFERÊNCIAS

ARNAULD, A.; LANCELOT, C. (1660). **A gramática de Port-Royal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ALONSO, A. *Prólogo*. (1992). IN: BELLO, A. **Gramática de lengua castellana destinada al uso de los americanos**. Edición virtual a partir de **Obras Completas**. Tomo Cuarto, 3.ed. Caracas: La casa de Bello, 1995. Publicación: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002. In: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/sirveobras/12145074229036051543435/index.htm>. Acesso em: maio, 2006.

BELLO, A. **Gramática de la lengua castellana**. (1847). Madrid: EDAF, 1984. 379p.

BENVENISTE, É. A linguagem e a experiência humana. (1965). In: **Problemas de Lingüística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989. 68-80p

_____. O aparelho formal da enunciação. (1970) In: **Problemas de Lingüística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989. cap. 5. p. 81-90.

COSERIU, E. **La noción de aspecto**. Centro de Análisis de la Universidad de Metz, 1978.

HIPOGROSSO, C. **El sistema verbal español**. Parte I e II. Revista de la Educación del Pueblo, Montevideo, N°. 94, mayo - junio, p. 1-7, 2004.

PEDRETTI, A.; LEPRE, C.; BOTOLOTTI, V.; HIPOGROSSO, C. **Español I**. Manual de Apoyo. Montevideo: Universidad de la República, 1996.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Esbozo de una nueva gramática de la lengua española.** (1973) Madrid: Espasa Calpe, 1996. 592p.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1975. 279p.

SILVA, L. M. P. da. Enseñanza de español para brasileños: elaboración de material didáctico. IN: SEDYCIAS, J. (org.). **O ensino de espanhol no Brasil. Presente, passado, futuro.** São Paulo: Parábola, 2005. p 182-184.